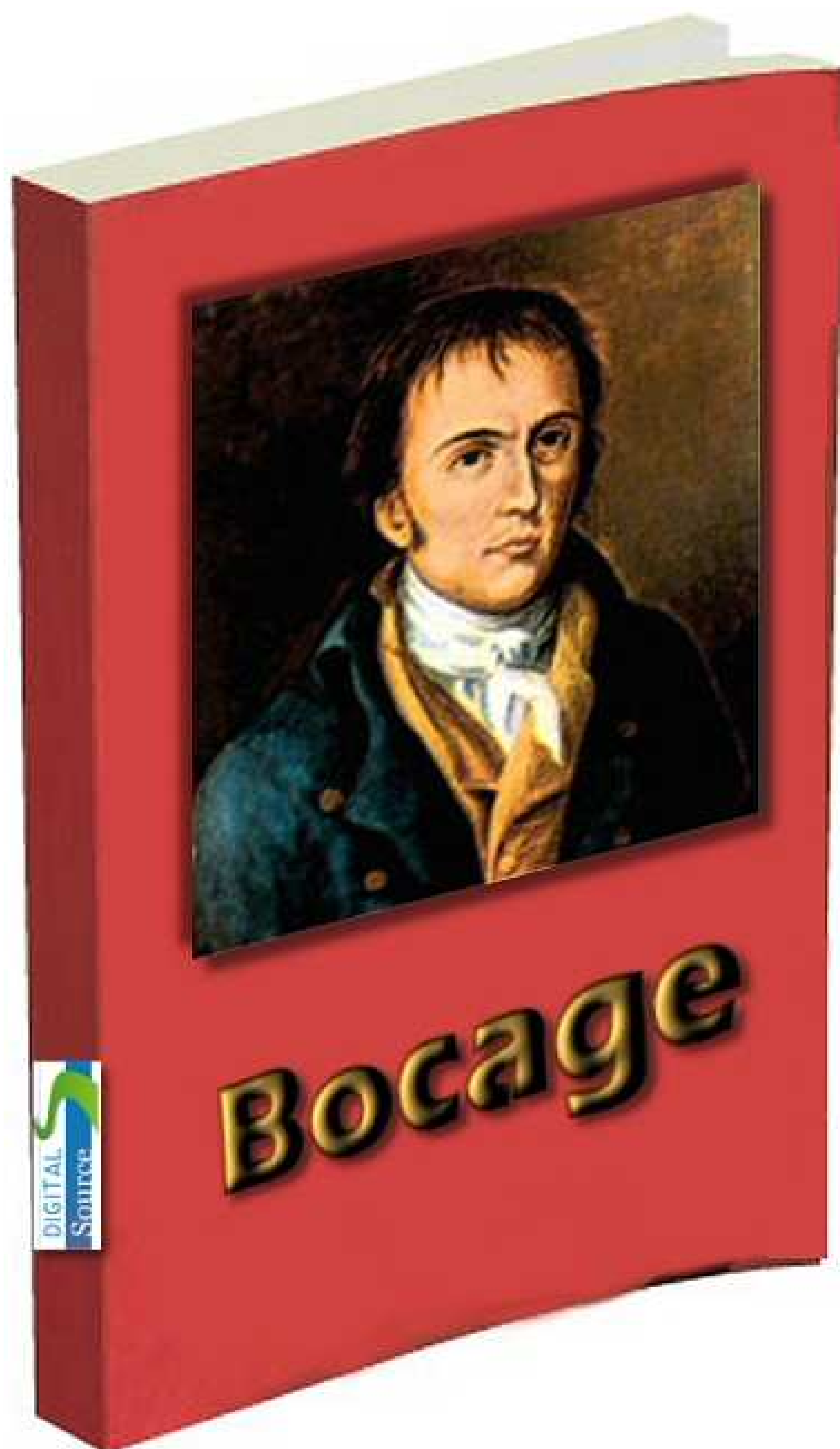
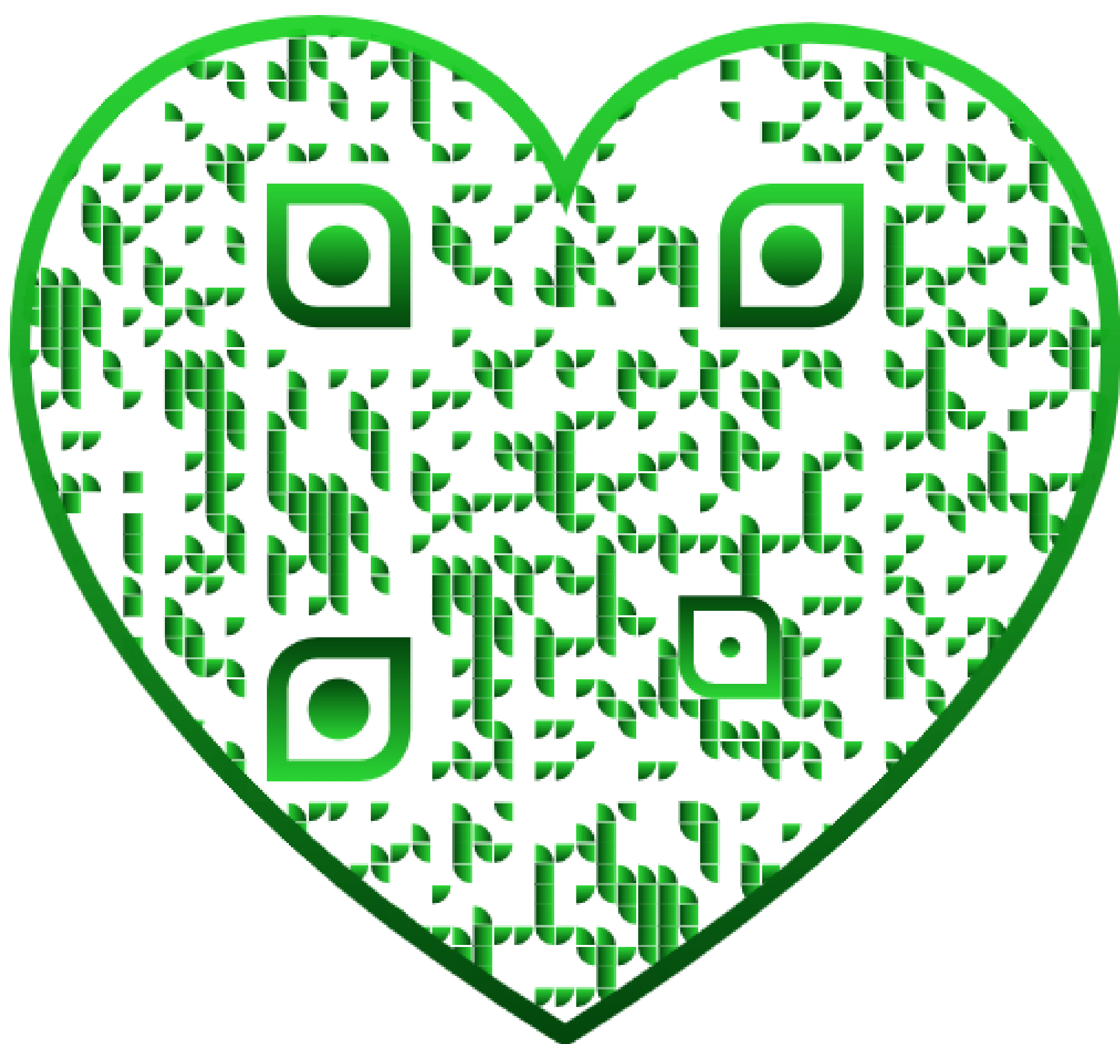
Manuel Maria Barbosa du Bocage

A Pavorosa Ilusão





A Pavorosa Ilusão

Manuel Maria Barbosa du Bocage

LONDRES.

1837.

http://groups.google.com/group/digitalsource



Ao Leitor

As Nações, umas já quebraram as algemas do despotismo, outras não tardaram a erguer o grito da Liberdade; porque, aquelas desesperaram de se salvar, estas estão a beber as ultimas gotas do fel da tirania. Por toda a parte se alevantam os Povos contra a execrável imbecilidade dos reis e a maldita hipocrisia dos sacerdotes. Tão iníqua ha sido a crueldade dos príncipes e dos frades contra a espécie humana, que esta se decidiu em fim a sacudir, de viva força, o jugo de ferro que por tantos séculos lhes havia pesado. É já tempo que nós Portugueses conheçamos a futilidade das ilusões com que os nossos avós nos embalaram. Risquemos para sempre da memória esses ridículos preconceitos de que nos fartou a superstição, com o pérfido intuito de mais a seu salvo nos envilecer. Eia. ...Leiamos com atenção a excelente Epistola do nosso grande poeta Bocage, que tanto abunda em salutares preceitos de moral sublime.

A Pavorosa Ilusão

Epístola

Pavorosa ilusão da eternidade,
Terror dos vivos, cárcere dos mortos,
D'almas vãs sonho vão, chamado inferno;
Sistema da política opressora,
Freio, que a mão dos déspotas, dos bonzos
Forjou para a boçal credulidade;
Dogma funesto, que o remorso arraigas
Nos ternos corações, e a paz lhe arrancas;
Dogma funesto, detestável crença
Que envenenas delicias inocentes,
Tais como aquelas que no céu se fingem.
Fúrias, cerastes, dragos, centimanos,
Perpetua escuridão, perpetua chama;
Incompatíveis produções do engano,
Do sempiterno horror terrível quadro
(Só terrível aos olhos da ignorância)
Não, não me assombram tuas negras cores:
Dos homens o pincel e a mão conheço.
Trema de ouvir sacrílego ameaço
Quem de um Deus, quando quer, faz um tirano.
Trema a superstição; lagrimas, preces,
Votos, suspiros, arquejando espalhe;
Cosa as faces co'a terra, os peitos fira:
Vergonhosa piedade, inútil vénia.
Espere ás plantas do impostor sagrado,

Q'ora os infernos abre, ora os ferrolha;
Que as leis e propensões da natureza
Eternas, imutáveis, necessárias,
Chama espantosos, voluntários crimes;
Que as ávidas paixões, que em si fomenta,
Aborrece nos mais, nos mais fulmina;
Que molesto jejum, roaz cilicio
Com despótica voz á carne arbítra;
E nos ares traçando a fútil benção,
Vai do gran'tribunal desenfadar-se
Em sórdido prazer, venais delícias,
Escândalo de amor, que dá, não vende.
Ó Deus! não opressor, não vingativo,
Não vibrando c'o a dextra o raio ardente
Contra o suave instinto que nos deste;
Não carrancudo, ríspido arrojando
Sobre os mortais a ríspida sentença;
A punição cruel, que excede o crime,
Até na opinião do cego escravo,
Que te ama, que te incensa, e crê que és duro:
Monstros de vis paixões, danados peitos,
Pungidos pelo sôfrego interesse,
Alto, impassível numen, te atribuem
A cólera, a vingança, os vícios todos;
Negros enxames, que lhe fervem n'alma.
Quer sanhudo ministro dos altares
Dourar o horror de barbaras cruezas;
Cobrir de véu compacto e venerando,
Atroz satisfação d'antigos ódios,
Que a mira põem no estrago da inocência:
Ou quer manter aspérrimo domínio,
Que os vaivéns da razão franqueia e nutre.
Ei-lo em santo furor todo abrasado,
Hirto o cabelo, os olhos cor de fogo,
A maldição na bôcca, o fel na espuma;

Ei-lo cheio de um Deus tão mau como ele;
Ei-lo citando os hórridos exemplos,
Em que aterrada observa a fantasia
Um Deus o algoz, a vítima o seu povo.
No sobrolho o pavor, nas mãos a morte,
Envolto em nuvens, em trovões, em raios,
D'Israel o tirano omnipotente
Lá brama do Sinai, lá treme a terra.
O torvo executor dos seus decretos,
Hipócrita feroz, Moisés astuto
Ouve o terrivel Deus, que assim troveja:
"Vai, ministro fiel dos meus furores,
Corre, voa a vingar-me, e seja a raiva
D'esfaimados leões menor que a tua.
Meu poder, minhas forças te confio;
Minha tocha invisível te precede;
Dos ímpios, dos ingratos, que me ofendem
Na rebelde cerviz o ferro ensopa.
Extermina, destroe, reduz a cinzas
Dam a frágeis metais, a deuses surdos.
Sepulta as minhas vítimas no inferno;
E treme se a vingança me retardas."
Não lha retarda o rábido profeta.
Já corre, já vozeia, já difunde
Pelos brutos atónitos sequazes
A peste do implacável fanatismo.
Armam-se, investem, rugem, ferem, matam.
Que sanha, que furor, que atrocidade!
Foge dos corações a natureza.
Os consortes, os pais, as mães, os filhos,
Em honra do seu Deus consagram, tingem
Abominosas mãos no parricídio.
Os campos de cadáveres se alastram;
Sussurra pela terra o sangue em rios.
Ah! barbaro impostor, monstro sedento

De crimes, de ais, de lagrimas, d'estragos,
Serena o frenesi, reprime as garras,
E a torrente de horrores que derramas
Para fundar o império dos tiranos,
Para deixar-lhe o feio e duro exemplo
D'opprimir seus iguais com férreo jugo.
Não profanes, sacrílego, não manches
Da eterna divindade o nome augusto.
Esse, de quem te ostentas tão valido,
He Deus, do teu furor, Deus do teu génio;
Deus criado por ti, Deus necessário
Aos tiranos da terra, aos que te imitam,
E àqueles que não crêem que Deus existe.
Neste quadro fatal bem vês, Marilia,
Que, em tenebrosos séculos envolta,
Desde aqueles cruéis, nefandos tempos,
Dolosa tradição correu aos nossos.
Do coração, da ideia, ah! desarraiga
De astutos mestres a falaz doutrina,
E de crédulos pais preocupados
As quimeras, visões, fantasmas, sonhos.
Ha Deus; mas Deus de paz, Deus de piedade,
Deus de amor, pai dos homens, não flagelo;
Deus, que ás nossas paixões deu ser, deu fogo;
Que só não leva a bem o abuso delas;
Porque á nossa existência não se ajusta,
Porque inda encurta mais a curta vida.
Amor é lei do Eterno, é lei suave:
As mais são invenções; são quase todas
Contrarias á razão e á natureza,
Próprias ao bem de alguns, e ao mal de muitos.
Natureza e razão jamais diferem:
Natureza e razão movem, conduzem
A dar socorro ao pálido indigente,
A pôr limite ás lagrimas do aflito,

E a remir a inocência consternada,
Quando nos débeis, magoados pulsos
Lhe roxeia o vergão de vis algemas.
Natureza e razão jamais aprovam
O abuso das paixões, aquela insânia
Que, pondo os homens a nível dos brutos,
Os infama, os deslustra, os desacorda.
Quando a nossos iguais, quando uns aos outros
Traçamos fero dano, injustos males,
Em nossos corações, em nossas mentes
És, ó remorso! o precursor do crime;
O castigo nos dás antes da culpa,
Que só na execução do crime existe;
Pois não pode evitar-se o pensamento.
He inocente a mão que se arrepende.
Não vêem só dum principio acções opostas,
Tais dimanam de um Deus, e tais do exemplo,
Ou do cego furor, moléstia d'alma.
Crê pois, meu doce bem, meu doce encanto
Que te anseiam fantásticos terrores,
Pregados pelo ardil, pelo interesse
Só de infestos mortais na voz, n'astúcia.
A bem da tirania está o inferno:
Esse que pintam báratro de angústias
Sería o galardão, sería o fruto
Das suas vexações, dos seus embustes,
E não pena de amor, se inferno houvesse.
Escuta o coração, Marilia bela,
Escuta o coração, que te não mente;
Mil vezes te dirá; “Se a rigorosa,
Carrancuda opressão de um pai severo
Te não deixa chegar ao caro amante
Pelo perpetuo nó que chamam sacro,
Que o bonzo enganador teceu na ideia,
Para também de amor dar leis ao mundo;

Se obter não podes a união solene,
Que alucina os mortais; porque te esquivas
Da natural prisão, do terno laço
Que em lagrimas, em ais te estou pedindo?
Reclama o teu poder e os teus direitos
De justiça despótica extorquidos.
Não chega aos corações o jus paterno,
Se a chama da ternura os afogueia.
Eia pois, do temor sacode o jugo,
Acanhada donzela, e no teu pejo,
Destra iludindo as vigilantes guardas,
Pelas sombras da noite, a amor propicias,
Demanda os braços do ansioso Elmano;
Ao risonho prazer franqueia os lares.
Consista o laço na união das almas;
Do ditoso himeneu as venerandas,
Caladas trevas testemunhas sejam;
Seja ministro amor, a terra o templo,
Pois que o templo do Eterno é toda a terra.
Entrega-te depois aos teus transportes,
Os opressos desejos desafoga,
Mata o pejo importuno; incita, incita
O que só de prazer merece o nome.
Verás como, envolvendo-se as vontades,
Gostos iguais se dam e se recebem.
Do jubilo há-de a força amortecer-te;
Do jubilo há-de a força aviventar-te:
Sentirás suspirar, morrer o amante;
Com os teus confundir os seus suspiros:
Hás-de morrer e reviver com ele.
De tão alta ventura, ah! não te prives,
Ah! não prives, insana, a quem te adora."
Eis o que hás-de escutar-lhe, ó doce amada!
Se á voz do coração não fores surda.
De tuas perfeições enfeitiçado,

Ás preces que te envia eu uno as minhas.
Ah! faze-me ditoso, e sê ditosa.
Amar é um dever além de um gosto;
Uma necessidade, não um crime
Qual a impostura horríssona pregoa.
C´wus não existem, não existe inferno.
O prémio da virtude é a virtude;
He castigo do vicio o próprio vício.

M. M. B. DU BOCAGE

Esta obra foi revisada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.
Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.
Se quiser outros títulos nos procure :

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

http://groups.google.com/group/digitalsource